

**I CONCURSO LITERÁRIO DE CRÔNICAS: “É PRECISO SABER VIVER”****ANEXO II – FORMULÁRIO PARA TEXTO****TÍTULO: Arco**

Naquele sair de casa, já havia uma quinta-feira estranha, que sussurrava não ser uma simples quinta. Deixei os quatro gatos com acesso à varanda – as orelhas em pé a cada sanhaço na chuva – e decidi encarar o trânsito matinal da Santos Neves. Eu quase não dirijo, e quase não chove.

É preciso rabiscar aqui o quadro embaçado de minutos antes, de uma Pedra do Caramba metade coberta, ou “de chapéu”, como a Nonna diria se estivesse dividindo ali comigo a janela da sala.

Desci e passei as marchas acreditando logo estar de volta, para trancar o quarteto e seguir pra labuta, mas fui esbofeteado pela fila de carros. Uma senhora fila, que te faz lamentar ter acordado. Rendido, ignorei os atalhos, soltei os ombros e fiquei, em ponto morto. Era assim que meu dia podia congelar sem culpa enquanto eu batucava no volante a melodia imaginária. Sim, você provavelmente a conhece! Não a melodia, perdão. Digo a perigosa tranquilidade da espera: a difícil decisão entre ler a revista local, o celular ou as palavras que moram na sua cabeça.

Abandonado no velho Fiat, eu passei a contemplar placas, adesivos de vidro e a solidão nos locais de parada de ônibus. E percebo que, talvez, tenha sido esse o instante...

Claro, foi aqui! Lembro que era um abrigo estreito de dois lugares na calçada. Ao lado, muita gente a céu aberto, um grupo apertado entre o meio-fio e a lama de um terreno. Tal esboço colorido, com as sombrinhas disputando espaço; foi o momento exato em que o dia realmente parou, com direito a gotas desacelerando ao som de um vinil interrompido. Creio ter me projetado lá, da poltrona ao ponto, em meio aos candidatos a passageiro, assim que avistei tantas histórias aguardando movimento.

Foram duas as perguntas que me vieram – Quais seriam essas histórias? E, sobre essa questão, mais vale a resposta ou a dúvida?

Chutei que o importante é a dúvida e tenho acreditado muito nisso nestas horas que dali seguem, afinal, a história do outro é imensuravelmente fora do meu alcance.

Meu celular descansava no painel. A revista local permanecia imaculada no plástico. Sem perceber, eu escolhera ler as palavras na minha cabeça. Isso porque uma angústia me perseguia há dias e me acordava frequentemente por volta das três da manhã: o outro.

Meu amigo, veja só: o outro não me cabe – eu já sorria deslumbrado. Do carro vizinho, na fila da mão contrária, o motorista furioso que chamarei de Alfredo poderia muito bem girar a manivela e gritar – Ei, você! Você deveria pensar no outro!

Oras – eu rebateria – é claro que penso. Tenho pensado até demais. Mas quando penso de verdade no lado de fora, o outro logo existe e é livre, de mim.

Agora eu me voltava às sombrinhas, muitas – Quantas cores se juntaram ao pintar uma única?

Alfredo, sem esperanças, subiria o vidro. Eu estava em plena convicção. Nada é mais coletivo que deixar viver.

**Cachoeiro de Itapemirim – ES, 14 de outubro de 2022.**